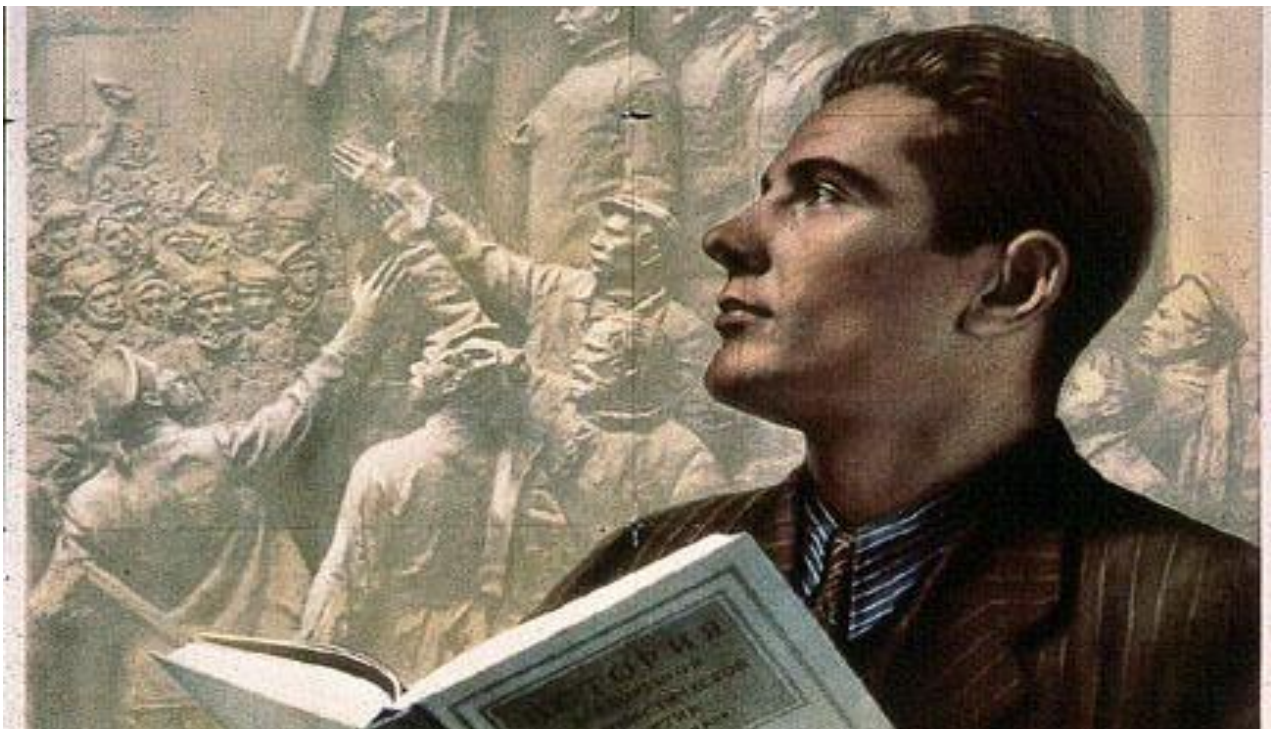


A TERCEIRA CARACTERÍSTICA DA DIALÉTICA: A MUDANÇA QUALITATIVA

George Politzer, Guy Besse e Maurice Caveing

Trecho do Livro **Princípios Fundamentais de Filosofia**, publicado por Guy Besse e Maurice Caveing, que foram discípulos de Georges Politzer e acompanharam seu curso de materialismo dialético, na Universidade Operária. Obra que se apoia na sua obra original e na experiência dos ensinamentos filosóficos, consideram – em comovente homenagem ao herói e mártir Politzer – que o seu nome, neste livro, figurasse antes daqueles que o redigiram.

Primeira publicação: Junho de 1946. **Publicado no Brasil** 1970 pela Editora Hemus – Livraria Editora LTDA



- I. **UM EXEMPLO** – Se aqueço a água, sua temperatura se eleva gradativamente. Quando atinge 100 graus centígrados, entra em ebulição e se transforma em vapor d'água.

São duas espécies de mudanças. O aumento progressivo de calor constitui mudança de qualidade, isto é, quantidade de calor existente na água aumenta. Em dado momento, porém,

a água muda de estado: sua qualidade de líquido desaparece; ela se transforma em gás, sem contudo mudar sua natureza química.

Chamamos de mudança quantitativa o simples aumento (ou simples diminuição) de quantidade. Chamamos de mudança qualitativa a passagem de uma qualidade para outra, a passagem de um estado para outro. (No exemplo, a passagem do estado líquido para o gasoso.)

O estudo da segunda característica da dialética mostrou-nos que a realidade é mudança. O estudo da terceira característica vai mostrar-nos que existe uma relação entre a mudança quantitativa e as mudanças qualitativas.

Efetivamente, e isto é importante lembrar, a mudança qualitativa (a água líquida transformando-se em vapor d'água) não é obra do acaso: decorre necessariamente da mudança quantitativa, do aumento progressivo do calor. Quando a temperatura atinge determinado número de graus (100 graus centígrados), a água ferve, supondo-se a pressão atmosférica normal. Se mudar a pressão atmosférica, então como tudo se relaciona (primeira característica da dialética), muda o ponto de ebulição; mas para dado corpo e dada pressão atmosférica, o ponto de ebulição será sempre o mesmo. Isto mostra bem que a mudança de qualidade não é uma ilusão; é um fato objetivo, material de acordo com uma lei natural. É, por conseguinte, um fato previsível: a ciência pesquisa quais são as mudanças de quantidade necessárias para que dada mudança de qualidade se produza.

No caso da água em ebulição, a relação entre as duas espécies de mudança é clara e incontestável.

A dialética considera que essa relação entre mudança quantitativa e mudança qualitativa é uma lei universalmente da natureza e da sociedade.

Já vimos na lição precedente que a metafísica nega a mudança: ou melhor, se a admite, ela reduz à repartição; demos como exemplo o mecanismo. O universo é pois, metafisicamente falando, comparável a um pêndulo que, em movimento, percorre sempre a mesma trajetória. Tal concepção aplicada à sociedade faz da história humana um ciclo sempre recomeçado, uma eterna repetição. Em outras palavras, a metafísica não pode explicar o novo. Quando o novo se lhe impõe, ela vê nele um capricho da natureza ou a resultante de um decreto divino, de um milagre. Em oposição, a dialética não se espanta, nem se escandaliza, com o aparecimento do

novo. O novo decorre necessariamente da acumulação gradual de pequenas mudanças quantitativas, aparentemente insignificantes, a matéria cria o novo.

II. A TERCEIRA CARACTERÍSTICA DA DIALÉTICA

Em oposição à metafísica, a dialética considera o processo de desenvolvimento, não como um simples processo de crescimento, em que as mudanças quantitativas, não chegam a se tornar mudanças qualitativas, mas como um desenvolvimento que passa, das mudanças quantitativas insignificantes e latentes, para as mudanças aparentes e radicais, as mudanças qualitativas. Por vezes, as mudanças qualitativas não são graduais, mas rápidas, súbitas, e se operam por saltos de um estado a outro; essas mudanças são contingentes, mas necessárias; são o resultado da acumulação de mudanças quantitativas insensíveis e graduais. [Stalin, II, pág. 5.] Precisemos bem certos aspectos desta definição.

A mudança qualitativa, dizíamos no item anterior, é uma mudança de estado; a água líquida torna-se vapor d'água ou, também a água líquida torna-se água sólida (gelo). O ovo torna-se pinto. O botão torna-se flor. O ser vivo, ao morrer, torna-se cadáver.

O desenvolvimento e o que aparece claramente, desenvolveu-se pouco a pouco e imperceptivelmente. Não há milagre, mas uma preparação lenta, que só a dialética pode revelar. Maurice Thorez diz no seu *Fils du Peuple* (pág. 248): O socialismo sairá do capitalismo como borboleta sai da crisálida.

O salto: se forem necessários 60223 votos, para eleger um candidato, será, precisamente, o 60223.º sufrágio que vai realizar o salto qualitativo, pelo qual o candidato se torna deputado. Esse salto, essa mudança rápida, súbita, foi, entretanto, preparada pela acumulação gradual e insensível de sufrágios: 1+1+1... Eis um exemplo muito simples do salto qualitativo, de mudança radical.

Assim, a flor desabrocha de repente, após lenta maturação. Assim, a revolução que eclode em apogeu, é a mudança por salto, preparada por uma evolução lenta.

Isso, porém, não quer dizer que todas as mudanças qualitativas assumem a forma de crises, de explosões. Há casos em que a passagem para a qualidade nova se opera através de mudanças qualitativas graduais. Em “A Propos du Marxisme em Linguistique”, Stalin mostra que as transformações da língua se fazem por mudanças qualitativas graduais.

Assim também, enquanto a passagem qualitativa da sociedade dividida em classes hostis, para a sociedade socialista, se realiza por explosões, o desenvolvimento da sociedade socialista se efetua por mudanças qualitativas graduais, sem crise.

No espaço de 8 a 10 anos, escreveu Stalin, realizamos na agricultura de nosso país, a passagem do regime burguês, do regime da exploração individual do camponês, para o regime colcosiano socialista. Foi uma revolução que liquidou o antigo regime econômico burguês no campo, e criou um regime novo socialista. Entretanto, esta transformação radical não se fez por explosão, isto é, pela inversão do poder existente e pela criação de um poder novo, mas pela passagem gradual do antigo regime burguês no campo, para um regime novo. Foi possível fazê-lo porque havia na cúpula uma revolução, porque a transformação radical tinha sido realizada por iniciativa do poder existente, com apoio essencial do campesinato. [Stalin, I, págs. 35-36]

Assim também, a passagem do socialismo para o comunismo é uma mudança qualitativa, que se efetua, porém, sem crises, porque, em regime socialista, os homens armados pela ciência marxista são senhores da sua história e porque a sociedade socialista não se constitui de classes hostis, antagônicas.

Vê-se que é preciso estudar, em cada caso, o caráter específico, que cada mudança qualitativa assume. Não é preciso identificar, mecanicamente, cada mudança qualitativa a uma explosão. Mas, qualquer que seja a forma de que se revista a mudança qualitativa, jamais há mudança sem preparação. O que é universal, é a relação necessária entre a mudança quantitativa e a mudança qualitativa.

III. NA NATUREZA – Consideramos um litro de água. Dividamo-lo em duas garrafas iguais: a divisão em nada muda a natureza do corpo: meio litro de água continua sendo água. Podemos assim continuar a divisão, obtendo frações cada vez menores: um dedal, uma

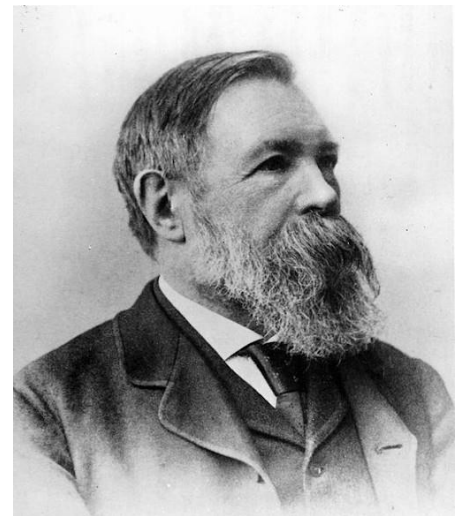
gotinha... é sempre água. Não há mudança qualitativa. Em determinado momento, chegamos à molécula de água¹: ela contém dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio. Poderemos prosseguir na divisão, dissociando a molécula? Sim, por método apropriado, mas então, já não será mais água. São o hidrogênio e o oxigênio. O hidrogênio e o oxigênio que são obtidos pela análise da molécula de água não têm as mesmas propriedades da água.

Todos sabem que o oxigênio alimenta a chama e que a água apaga incêndios.

Este exemplo é uma ilustração da terceira lei da dialética: a mudança quantitativa (neste exemplo, a divisão gradativa da água) leva, necessariamente, à mudança qualitativa. (Libertação súbita de dois corpos, qualitativamente diferentes da água.)

A natureza é pródiga em processos semelhantes a este.

... na natureza, de maneira nitidamente determinada para cada caso, as mudanças qualitativas não podem ocorrer senão pela adição ou pela subtração quantitativa de matéria ou de movimentação ou, como se diz, de energia. [Engels, IV pág. 70]

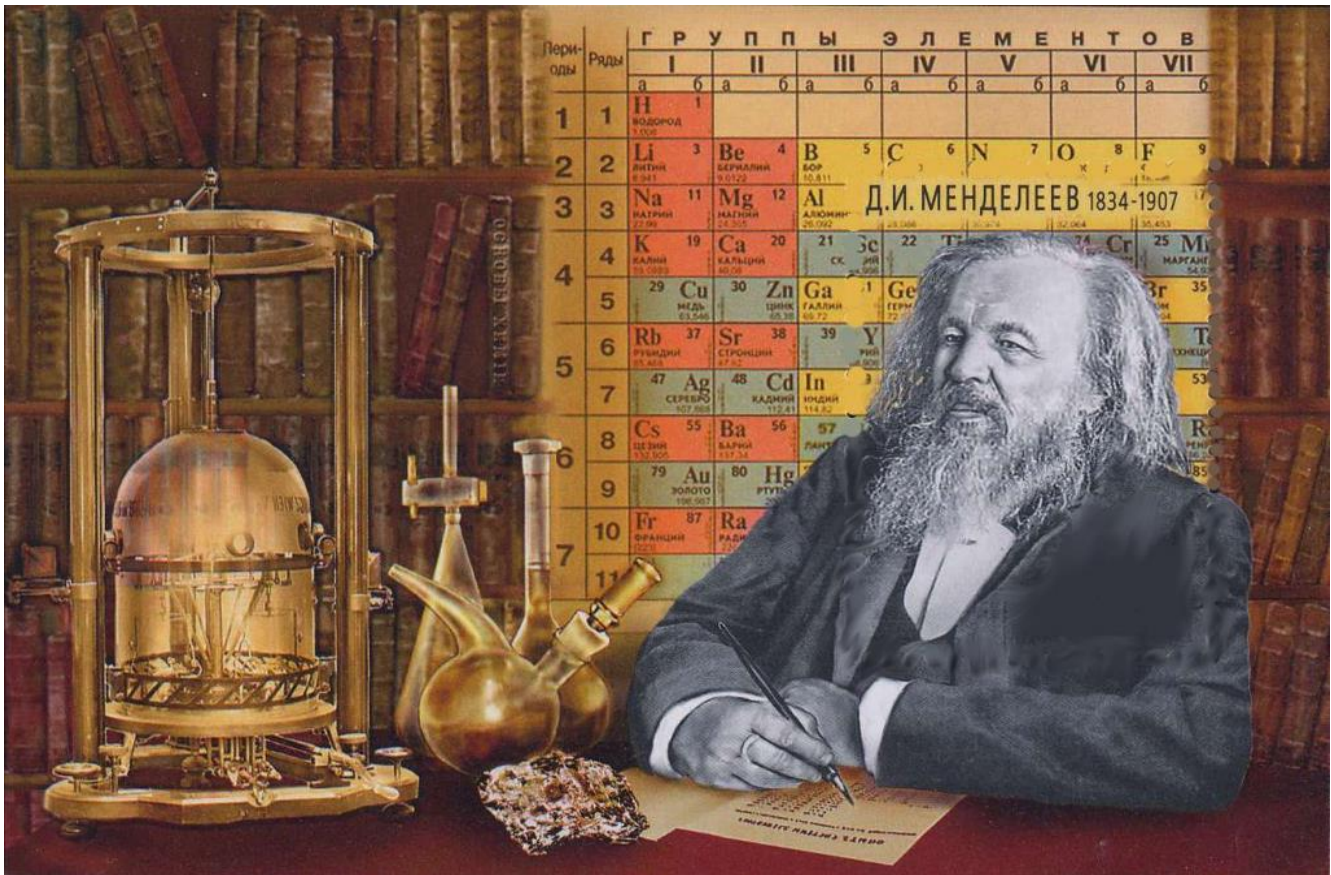


Engels

O próprio Engels apresenta inúmeros exemplos:

Seja o oxigênio: se, em lugar de dois átomos, se unirem três, para constituir uma molécula, teríamos o ozona, corpo que, pelo cheiro, e pelos efeitos, se distingue, de forma bem determinada, do oxigênio comum. E que dizer das diferentes proporções nas quais o oxigênio combina-se com o azoto ou com enxofre, dando, de cada vez, um corpo qualitativamente diferente dos outros. Que diferença entre o gás hilariante (protóxido de azoto: N_2O) e o anídrico azótico (pentóxido de azoto: N_2O_5). O primeiro é um gás, o segundo - à temperatura habitual - é um corpo sólido e cristalizado.

Entretanto, toda a diferença na combinação está em que o segundo contém cinco vezes mais oxigênio do que o primeiro. Entre os dois óxidos de azoto se colocam outros três (NO , N_2O_3 , NO_2), diferentes qualitativamente dos dois primeiros e diferentes entre si. [Engels, IV, pág. 72.]

*Dmitri Mendeleiev*

Essa relação necessária, entre quantidade e qualidade, foi o que permitiu a Mendeleiev fazer uma classificação dos elementos químicos²: os elementos se classificam por pesos atômicos crescentes.³ Essa classificação quantitativa dos elementos, do mais leve (hidrogênio) ao mais pesado (urânio), faz com que apareçam suas diferenças qualitativas, as diferenças entre suas propriedades. A classificação assim estabelecida tinha, entretanto, alguns vazios: Mendeleiev concluiu, daí, que havia, na natureza, elementos qualitativamente novos por descobrir; ele descreveu, antecipadamente, as propriedades químicas de um desses elementos, que efetivamente, veio a ser descoberto. Graças à classificação metódica de Mendeleiev foi possível prever e obter artificialmente mais de dez elementos químicos, que não existam na natureza.

A química nuclear (que estuda o núcleo do átomo), ao mesmo tempo que aumentava consideravelmente o campo dos nossos conhecimentos permitiu compreender melhor toda a importância da relação necessária entre quantidade e qualidade. Foi assim que Rutherford, bombardeando átomos de azoto com hélios (corpúsculos atômicos produzidos pela

desintegração do átomo do radium), realizou a transmutação dos átomos de azoto em átomos de oxigênio. Notável mudança qualitativa! Ora, o estudo dessa mudança mostrou que ela está condicionada a uma mudança quantitativa: sob o efeito do hélion, o núcleo do azoto – que possui sete prótons⁴ - perde um deles, mas fixa os dois prótons do núcleo do hélion. Isso dá um núcleo de oito prótons, isto é, um núcleo de oxigênio.

As ciências da vida também poderiam nos proporcionar grande quantidade de exemplos. O desenvolvimento da natureza viva não é, em verdade, assimilável a uma repetição pura e simples dos mesmos processos: tal ponto de vista torna ininteligível a evolução. A teoria clássica da Genética (principalmente a de Weismann), para o qual o porvir do ser vivo está todo interior, e por prévia determinação, contido numa substância hereditária (os genes), substância essa que não é passível de alteração e é indiferente à ação do meio, reduz à impossibilidade o aparecimento do novo. De fato, o desenvolvimento da natureza viva explica-se pela acumulação de mudanças quantitativas, que se transformam em mudanças qualitativas. A respeito disso escrevia Engels:

... é loucura querer explicar o nascimento, ainda que de uma célula, partindo diretamente da matéria inerte, ao invés de partir da albumina viva não diferenciada, acreditar que com um pouco de água pútrida poder-se-ia obrigar a natureza a fazer, em 24 horas, o que lhe custou milhões de anos para realizar. [Engels, IV, pág. 305.]

Deve-se notar que esse desenvolvimento da natureza viva, quantitativo e qualitativos a um só tempo, leva a compreender o que, em dialética, se entende por passagem do simples para o complexo, do inferior para o superior. As espécies geradas pela evolução são, em verdade, cada vez mais complexas; a estrutura dos seres vivos diferenciou-se cada vez mais. Assim, a partir do ovo, constitui-se um grande número de órgãos, qualitativamente distintos, tendo cada uma sua função específica: o crescimento de um ser vivo não é, pois, a simples multiplicação de células, mas um processo que passa por numerosas mudanças qualitativas.

Se abordarmos o estudo do sistema nervoso e da psicologia, reencontraremos a lei da quantidade-qualidade sob as mais diversas formas. Por exemplo: a sensação (sensação de luz, de calor, sensação auditiva, tátil etc.), que é um fenômeno peculiar ao sistema nervoso, não aparece sem a excitação, isto é, sem que a ação física do excitante sobre o sistema nervoso atinja

certo nível quantitativo, que se chama limiar. Assim, uma excitação luminosa não se pode transformar em sensação, se não tiver certa duração e certa intensidade mínimas. O limiar da sensação é o ponto em que se opera a passagem da qualidade do excitante para a qualidade da reação: abaixo desse limiar, ainda não há sensação, por ser o excitante ainda muito fraco.

Do mesmo modo, é pela prática repetida que se constitui o conceito, partindo das sensações.

A continuidade da prática social, leva os homens à repetição múltipla de coisas que eles percebem por seus sentidos e que sobre eles produzem um efeito; em consequência, tem lugar no cérebro humano um salto no processo do conhecimento, e surge o conceito. [Mao Tse Tung, I, pág. 242.]

A sensação é, com efeito, um reflexo parcial da realidade, que não nos dá, da realidade, senão os seus aspectos exteriores. Mas, pela prática social, pelo trabalho, os homens se aprofundam nessa realidade; conseguem conquistar a inteligência dos processos internos, que, a princípio, lhes escapava; ascendem às leis que, para além da aparência, explicam o real. Esta conquista é o conceito, qualitativamente novo, em relação às sensações, se bem que estas sejam, pela repetição múltipla, necessárias à elaboração do conceito. O conceito de calor, por exemplo, jamais poderia ter-se constituído se os homens não tivessem tido, em circunstâncias infinitamente numerosas e variadas, a sensação, de calor. Mas, para passar das sensações ao conceito atual de calor, como forma de energia, foi preciso uma prática social milenar, que tornou possível a assimilação das propriedades fundamentais do calor: os homens aprenderam a fazer fogo, a utilizar os efeitos dele de mil modos diferentes, para a satisfação de suas necessidades, muito mais tarde aprenderam a medir o calor, a transforma o calor em trabalho, o trabalho em calor etc.

Da mesma forma, a passagem da agrimensura, nascida das necessidades sociais (medir as terras), para a Geometria (ciência das figuras), é a transformação, em conceitos, das sensações progressivamente acumuladas pela prática.

O mesmo se dá com os princípios da lógica, que aos olhos dos metafísicos, são ideias inatas. Por exemplo: este axioma universalmente difundido “o todo é maior do que a parte, a parte é menor do que o todo” é, ao mesmo tempo que a figura de lógica, um produto

qualitativamente novo, de uma prática que se impôs às mais antigas sociedades, sob as mais diversas formas: é preciso menos alimento para alimentar um homem, do que para alimentar vinte.

Lenine escreveu em seus Cahiers Philosophiques:

A atividade prática do homem, por milhares de vezes, deve ter levado a consciência do homem a repetir diferentes figuras de lógica, para que essas figuras tivessem podido assumir o valor de axiomas.⁵

E ainda:

A prática do homem, ao se repetir milhares de vezes, se fica na consciência do homem em figuras de lógica.

É a terceira característica da dialética, que nos permite uma interpretação racional da invenção; o metafísico considera o aparecimento de ideias novas, a invenção, como uma espécie de revelação divina, ou então, a atribui ao caso. A invenção (nas técnicas, nas ciências, nas artes, e em outros setores) não é, antes, a mudança qualitativa que se opera no reflexo mental da realidade, mudança que vem sendo preparada pela acumulação de mudanças insignificantes decorrentes da prática humana? Eis por que as grandes descobertas não se realizam senão pois de realizadas as condições objetivas que as tornam possíveis.

Os últimos exemplos que escolhemos (passagem da sensação ao conceito; invenção suscitada por longa prática) permitem pôr em relevo um importante aspecto do processo quantidade-qualidade. A passagem do antigo estado qualitativo, para o novo, é, na verdade, muitas vezes, um progresso. É, então, uma passagem do inferior para o superior. Isso acontece quando o homem ultrapassa a sensação (forma inferior do conhecimento), para atingir o conceito (forma superior do conhecimento). Acontece, igualmente, na passagem qualitativa do não-vivo para o vivo; essa mudança de estado constitui um progresso decisivo. O movimento que leva a tais transformações qualitativas é, pois, como bem o escreveu Stalin, “um movimento progressivo, ascendente”. [Stalin, II, pág. 6.]

Veremos que o mesmo acontece no desenvolvimento das sociedades.

IV.NA SOCIEDADE – Constatamos, na lição precedente, que, como a natureza, a sociedade é movimento.

Esse movimento consiste na transformação de mudanças quantitativas em mudanças qualitativas.

Foi o que Lenine compreendeu, quando ainda estudante na Universidade de Cazã (em 1887), e já comprometido com a ação revolucionária contra o czarismo, respondia ao comissário de polícia que lhe dizia:

- Investis contra uma muralha!
- Uma muralha? Sim, mas apodrecida! Um empurrão e ela desmorona.

O Czarismo, na verdade, como uma muralha exposta às intempéries, tinha apodrecido, ano após ano; Lenine compreendia que a mudança qualitativa (o desmoronamento do regime) estava próxima.

As transformações qualitativas da sociedade são, assim, preparadas por lentos processos qualitativos.

A revolução (mudança qualitativa) é, pois o produto histórico necessário de uma evolução (mudança quantitativa). Stalin definiu vigorosamente o aspecto quantitativo e o aspecto qualitativo do movimento social:

O método dialético ensina que o movimento assume duas formas: a forma evolutiva e a forma revolucionária.

O movimento é revolucionário, quando esses mesmos elementos se unem, espontaneamente em seu trabalho quotidiano, acarretando mudanças mínimas (quantitativas) no velho estado de coisas.

O movimento é revolucionário, quando esses mesmos elementos se unem, se imbuem de uma ideia comum e se lançam contra o campo inimigo para aniquilar, pela raiz, o velho estado de coisas, para proporcionar à vida mudanças qualitativas, para instituir um novo estado de coisas.⁶

A evolução prepara a revolução, e cria, para ela, um terreno favorável, enquanto que a revolução completa a evolução, e contribui para que ela prossiga ulteriormente. [Stalin, III, págs. 251-252.]

Stalin ilustra esta análise com os acontecimentos de 1905. Nas jornadas de dezembro de 1905, o proletariado “de cabeça reerguida atacou os depósitos de armas e investiu de assalto contra a reação”. Movimento revolucionário preparado pela longa revolução dos anos anteriores, “quando o proletariado, no esquema de uma evolução pacífica, se contentava com greves isoladas e com a criação de pequenos sindicatos”.

Do mesmo modo, a Revolução Francesa de 1789, foi preparada por uma secular luta de classes. Em alguns anos (1789, 1790 etc.) produzem-se na França mudanças qualitativas consideráveis, que não teriam sido possíveis sem a acumulação gradativa de mudanças quantitativas, isto é, sem as inúmeras lutas parciais, nas quais a burguesia atacou a feudalidade, até o assalto decisivo e a instalação dos capitalistas no poder.

Quanto à Revolução Socialista de outubro de 1917, pode-se ler na Histoire du Parti Communiste (bolchevik) de U.R.S.S como essa prodigiosa mudança qualitativa, o maior fato da história da humanidade, foi preparada por uma série de mudanças quantitativas. Se quisermos nos limitar ao período 1914-1917, estudemos os capítulos VI e VII; eles mostram de que modo o movimento das massas ampliou-se nesses anos cruciais, até a tomada do poder pelos soviets.

Convém notar, aqui como o fizemos no final do ponto III desta lição, que a passagem do estado qualitativo velho, para o novo, constituiu um progresso. O Estado capitalista é superior ao Estado feudal; o Estado socialista é superior ao estado capitalista. A revolução assegura a passagem do inferior para o superior. Por quê? Porque faz concordar o regime econômico da sociedade, com as exigências do desenvolvimento das forças de produção:

É muito importante não separar nunca o aspecto qualitativo, do aspecto quantitativo do movimento social, e considerá-los em suas relações necessárias. Ver apenas um ou outro, é cometer erro fundamental.

Ver apenas a evolução, é cair no reformismo, para o qual as transformações sociais são realizáveis sem revolução. De fato, o reformismo é uma concepção burguesa: desarma a classe

operária, fazendo crer que o capitalismo desaparecerá sem luta. O reformismo é adversário da revolução, pois preconiza:

... a reconciliação parcial do regime periclitante, para dividir e enfraquecer a classe operária, para manter o poder da burguesia contra a inversão desse poder pela via revolucionária. [Lenine, III, pág. 251.]

O reformismo é divulgado pelos chefes socialistas, como Jules Mach, como Blum, que se proclama “gerente leal do capitalismo”. Era a posição de Kautsky, para quem o capitalismo imperialista devia por si mesmo, transformar-se em socialismo. Esses falsificadores do marxismo invocam, com desprezo pela dialética, uma suposta “lei da evolução harmoniosa”. Assim justificam eles a sua traição aos interesses da classe operária. Seu programa é

... guerra à ideia de revolução, à “esperança” de uma revolução (“esperança” que parece confusa ao reformista, porque ele não compreende a profundidade dos antagonismos econômicos e políticos atuais); guerra a toda atividade que consista em organizar forças, e em preparar os espíritos para a revolução. [Lenine, III, pág. 262.]

Por outro lado, há ainda outra concepção também completamente antidialética e, conseqüentemente, contra-revolucionária: é o eventurismo, o que caracteriza, principalmente os anarquistas e os blanquistas.⁷ O aventurismo consiste em negar a necessidade de preparação da mudança qualitativa (revolução), pela evolução quantitativa. Esta concepção é tão metafísica como a precedente, uma vez que não vê senão um aspecto do movimento social.

Querer a revolução sem admitir-lhe as condições, é, evidentemente, torná-la impossível. Aventurismo (revolucionarismo) e reformismo são, pois, fundamentalmente idênticos.

Os aventureiros enganam pela frase esquerdista. A qualquer pretexto falam de ação, com o fim de impedir a verdadeira ação. Na verdade, desprezam as ações modestas, as pequenas mudanças quantitativas, necessárias, entretanto, às transformações decisivas.

No Tomo IV de suas Oeuvres (pág, 129), Maurice Thorez comenta, criticando, a atitude de um grupo de carteiros comunistas que, em petição reivindicadora dirigida pela classe (totalidade do pessoal dos serviços de Correios, Telégrafos e Telefones) aos parlamentares. Esse grupo fazia um apelo aos peticionários dizendo: “Aderi, antes de tudo, ao sindicato unificador (C.G.T.U.); do contrário, vossa petição de nada valerá.” Maurice Thorez explica:

Não se deve menosprezar a petição, mesmo opondo a ela alguma, sugestão “sobre a ação da massa”. A petição é, sem dúvida, uma forma elementar da ação da massa. É, ao mesmo tempo, um meio de pressão sobre o destinatário e um elemento de conagração e de organização para signatários. No caso em questão, a petição é uma forma organizada de protesto dos assalariados contra o Estado-patrão e contra os poderes públicos se, em vez de condená-la, os elementos revolucionários dela participarem, se explicarem, paciente e fraternalmente, aos companheiros de trabalho, que ela não é senão um dos inúmeros meios de luta, que existem outros, que a completam e a reforçam e que, por exemplo, a manifestação realizada oportunamente no departamento, na região, no país (se possível), pela corporação toda, dará maior vigor as assinaturas.

Maurice Thorez faz notar ainda que a petição

Ajuda, fundamentalmente, a formação da frente única. Pode-se imaginar, facilmente, as conversações entabuladas a propósito de cada assinatura, entre companheiros de trabalho unidos, confederados, autônomos ou inorganizados. Cada um dá sua opinião e fala de suas preferências. Entretanto, cada um deseja que a manifestação consciente da imensa maioria, talvez mesmo da totalidade dos postalistas, tenha resultado satisfatório. É evidente que o sindicalizado, assinando e fazendo assinar, formulou o seu parecer sobre a ação a ser desenvolvida. Propôs, por exemplo, a eleição de comissões para a redação da petição; assinalou a eventual aplicação dos regulamentos; falou sobre a possibilidade de uma greve. O companheiro confederado, ou inorganizado, escutou-o fez-lhe uma primeira aproximação, básica, no sentido de uma ação comum, que frutificará.

É preciso não

Tagalera sobre a “ação da massa”, mas aprender a suscitar, a organizar, a manter as mais modestas formas de protesto das massas a fim de poder atingir com os proletários, e dirigindo-os, as mais elevadas formas de luta de classe. [Maurice Thorez, II, Livro II, T. IV, págs. 129-131.]

É, em verdade, nessas lutas parciais que os trabalhadores se educam, acumulando uma experiência insubstituível. A ação quotidiana por uma reivindicação modesta, porém comum,

abre caminho para uma ação mais ampla. A constituição dos comitês de base, onde os trabalhadores discutem e decidem, fraternalmente, os objetivos e os meios, eis a condição da frente única. Como obter mudanças decisivas, se esse trabalho paciente não se realizar? Foi pela acumulação de milhões de assinaturas, que cidadãos franceses acabaram por obter a assinatura presidencial, que livrou Henri Martin da prisão.

Eis pois, como a terceira lei da dialética demonstra seu alcance prático e sua fertilidade. Esclarece as perspectivas atuais, dando-nos a certeza científica de que a realização da frente única e o conagraçamento da nação francesa em torno da classe operária serão consequências necessárias das mudanças quantitativas, que se efetuam nas lutas quotidianas, graças a obscuros e pacientes esforços que os trabalhadores mais conscientes desenvolveram nas empresas e nos escritórios. A formidável amplificação das greves de agosto de 1953 foi, precisamente, consequência de inúmeras ações locais desenvolvidas por toda parte, durante os meses precedentes. No auge do movimento de agosto, um líder sindical contava de que maneira trabalhadores, que dez dias antes pareciam indiferentes a qualquer argumentação, estavam, no momento, entre os mais arduos. “Decididamente, nada está perdido para sempre...”, concluía ele. É verdade, nada se perde dos esforços desenvolvidos no sentido histórico: explicações dadas, esclarecimentos oferecidos. A acumulação quantitativa preparada a transformação qualitativa, ainda que não aparente fazê-lo.

Por isso, é errado pensar que a política reacionária dos burgueses durará “ainda muito tempo”, sob o pretexto de que a maioria da Assembleia é a favor deles. É falso dizer que a França é um país “liquidado”, destinado a vegetar sob a tutela americana. De todos os lados acumulam-se forças, que hão de pôr fim à política de desonra e as empresas dos corrompidos. Por toda parte, dia a dia, acumulam-se forças que transformarão o curso dos acontecimentos e recolocarão a França no verdadeiro posto de sua grandeza. O povo é que terá a última palavra. Dizer que, na França, “é possível outra política” que não a da burguesia reacionária e antinacional, não é ceder às ilusões, é anunciar uma verdade científica.

V.CONCLUSÃO - Comentando a terceira característica da dialética, Stalin observa: “Consequentemente, para não se enganar em política, é preciso ser revolucionário, e não reformista.” Só a atitude revolucionária é dialética, porque reconhece a necessidade objetiva das mudanças qualitativas, produtos de uma revolução quantitativa.

O metafísico, ou nega as mudanças qualitativas, ou, então admite-as sem explicá-las, atribuindo-as ao acaso ou a milagres. A burguesia tem muito interesse nesses erros e divulga-os profusamente. Por exemplo, a imprensa, a dita informativa, apresenta, ao grande público, os acontecimentos políticos e sociais, sem as ligações internas que os preparam e que os tornam inteligíveis. Daí, a ideia de que “nada neles há para ser compreendido”.

O dialético, ao contrário, compreende o movimento da realidade, unindo, necessariamente, mudanças quantitativas e mudanças qualitativas, e as une na sua prática. O “esquerdista”, que é revolucionário só de “boca”, nada mais faz do que esperar, perenemente, o momento decisivo para a “Revolução”. O reformista, exatamente porque acredita que a evolução “natural” transforma a sociedade, não luta senão pelas reformas que pretende. Somente o dialético compreende que é preciso lutar para obter reformas e que deve fazê-lo, porque sabe que a revolução está ligada à evolução. Só os revolucionários podem, pela participação ativa, dar conteúdo realmente progressista às reformas. Somente eles, porque como dialéticos, podem reunir a seu redor, nas pequenas ações e, posteriormente, nas grandes, os trabalhadores iludidos pelo reformismo, bem como aqueles que se deixam seduzir pela “frase esquerdista”. Só um dialético pode compreender o valor das mudanças quantitativas graduais, as diversidades das vias da luta pelo socialismo, na dependência das condições circunstanciais; em resumo, só ele compreende que a revolução é um processo. Só os mestres da dialética podem guiar as massas trabalhadoras para a conquista da Frente Popular Para a Libertação. Abordando as mínimas ações, como revolucionário, e não como reformista. O dialético dá integral sentido às palavras da Internacional:

Agrupemo-nos e amanhã

A Internacional será o gênero humano.

A vitória universal do proletariado não é utopia, é uma certeza objetivamente fundamentada.

OBSERVAÇÕES - a) Temos dito que as pequenas mudanças quantitativas levam a mudanças qualitativas radicais.

Isso quer dizer que não se pode separar a quantidade, da qualidade, a qualidade, da quantidade e que é arbitrário isolá-las, como o faz, por exemplo, o metafísico Bergson, para que a matéria é quantidade pura, e o espírito, qualidade pura. A realidade é, ao mesmo tempo, quantitativa e qualitativa. É preciso compreender bem que a mudança qualitativa é passagem de uma qualidade, para outra qualidade. A qualidade “líquido” torna-se qualidade “gás”, quando o líquido, por acumulação quantitativa de calor, atinge determinada temperatura.

Mesmo em Matemática, (que os metafísicos pretendem ser a ciência da quantidade pura) a quantidade e a qualidade são inseparáveis. Adicionar números ($5+7+3+...$) é um processo quantitativo; mas há, também, nele, um aspecto qualitativo, porque os números inteiros são números de certa espécie, que tem uma qualidade diferente da dos números algébricos, da dos números fracionários etc. A diversidade qualitativa dos números é considerável: dada espécie tem propriedade próprias. Somar números inteiros, ou números fracionários, ou números algébricos, ainda é somar, dirão alguns; mas a adição se faz, de cada vez, sobre qualidades diferentes. Assim: somar 5 chapéus ou somar 5 locomotivas é sempre somar, mas os objetos são, qualitativamente, muito diferentes. A quantidade é sempre quantidade de qualquer coisa, é quantidade de uma qualidade.

b) A quantidade se transforma em qualidade. Mas, reciprocamente, a qualidade se transforma em quantidade, uma vez que ambas são inseparáveis.

Exemplo: As relações capitalistas de produção, a partir de dado momento, freiam o desenvolvimento quantitativo das forças produtivas e, algumas vezes, determinam, mesmo, sua regressão. A transformação qualitativa das relações de produção se traduz pela socialização das forças de produção, que, dessa forma, tomam novo impulso. Consequência: as forças produtivas passam a conhecer um grande desenvolvimento quantitativo.

Notas:

¹ Um corpo, qualquer que seja ele, é composto de moléculas. A molécula é a menor quantidade de uma combinação química. Ela própria se constitui de átomos; um átomo é a menor porção de um elemento, que pode entrar em combinações. As moléculas de um corpo simples (oxigênio, hidrogênio, azoto) encerram átomos idênticos (oxigênio, de hidrogênio, de azoto). As moléculas de um corpo composto (sal de cozinha, água, benzina) contêm átomos dos diversos componentes.

² O elemento é a parte comum a todas as espécies de corpos simples e aos corpos compostos de enxofre que deles derivam. Exemplo: o enxofre se conserva em todas as variedades de enxofre e nos compostos de enxofre. Há 92 elementos naturais: eles se conservam mesmo nas reações químicas com outros corpos. Sob certas condições, porém, há transmutação dos elementos (radioatividade).

³ O peso atômico de um elemento representa a relação entre o peso de um átomo desse elemento, comparado com o peso do átomo de um elemento típico (hidrogênio ou oxigênio).

⁴ O próton e o nêutron constituem o núcleo do átomo.

⁵ Os “axiomas” são as mais gerais e as mais fundamentais verdades da Matemática. O idealismo vê nos axiomas uma revelação do espírito. Mas, como toda verdade, os axiomas são o fruto de laboriosa conquista.

⁶ Isso nos lembra os versos de Eluard:

“Eles não eram mais do que poucos;
De repente, foram multidão”.

⁷ Adeptos de Blanqui, político francês (1805-1881) que combateu violentamente a Monarquia e cuja vida foi uma sucessão de conspirações Participou da Comuna. Sua finalidade remota parece ter sido o comunismo, que pretendia alcançar depondo, pelas armas, a burguesia e organizando um governo popular ditatorial. (Nota do Tradutor)